

Memória Coletiva: relações, durações, transformações e construções em torno de “Santa Leocádia”

Thiaquelliny Teixeira Pereira^{1*}

Edvania Gomes da Silva^{2*}

Maria da Conceição Fonseca-Silva^{3*}

Resumo: É um estudo da memória coletiva religiosa de Guanambi-Ba, que privilegia a religiosidade popular dos devotos de “Santa Leocádia”, com especial atenção a oralidade, as suas manifestações coletivas de fé e as suas materializações. Isso porque, tais situações são consideradas como situações privilegiadas por demonstrarem mais intensamente o funcionamento dessa memória, que por sua vez se relaciona com o funcionamento de outras memórias. Para isso, utiliza-se da teoria da memória coletiva de Halbwachs, por proporcionar uma perspectiva multi-inter-transdisciplinar, possibilitando o emprego, simultaneamente ou não, de ferramentas sociológicas, históricas, filosóficas e lingüísticas nas análises. Assassinada no final do século XIX, a história da morte dessa santa não reconhecida pela Igreja Católica, é alimentada principalmente pelas falas, manifestações e representações desses fiéis. Nesse contexto, o tempo é entendido como heterogêneo, como constituído por durações múltiplas, em que a importância da história se acentua nas durações, transformações e construções sociais desse ambiente religioso.

Palavras-chave: Memória Coletiva, Religiosidade Popular, “Santa Leocádia”.

^{1*} Discente do Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), bolsista da FAPESB (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia). E-mail: thiaquelliny@hotmail.com.

^{2*} Doutora em Lingüística. Professora do Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Orientadora do projeto de pesquisa que deu origem ao presente artigo. E-mail: edvania_g@yahoo.com.br.

^{3*} Doutora em Lingüística. Professora do Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Co-orientadora do projeto de pesquisa que deu origem ao presente artigo. E-mail: con.fonseca@gmail.com.

Considerações Iniciais:

A história da morte de Leocádia ecoa repetidamente na cidade de Guanambi, no interior do estado da Bahia, há mais de um século. Nesse período, diversas práticas do catolicismo como as orações, vigílias, ladainhas, penitências, promessas, romarias, foram e/ou continuam sendo feitas pelos devotos de “Santa Leocádia”. E é em Leocádia, região que compreende o local do seu assassinato e do seu túmulo, que as relações sociais construídas a partir das práticas religiosas polarizadas em torno do catolicismo se tornam mais evidentes, tendo como exemplo as romarias que ocorrem em todas Sextas-Feiras Santas e dia de Finados. Este local repleto de significados é o palco onde se concentram mais fortemente as práticas de devoção coletiva a “Santa Leocádia”, e por isso voltamos nossa atenção nele e nas relações sociais que ali ocorrem, uma vez que essas práticas religiosas não estão encerradas em si. Leocádia se consolida então como um espaço onde as manifestações de devoção popular podem ser observadas de forma mais aguda; um local próprio da história, rico em significados que brotam, principalmente, dos fazeres costumeiro e das memórias.

Na oralidade:

É entendendo as falas como instrumento de elaboração de sentidos que Leocádia, uma personagem historicamente consolidada, vive intensamente. É por meio da oralidade que a sua história é contada, recontada, novamente contada; enfim, uma ladainha proferida coletivamente que expressa como foi a sua vida e morte. Priorizando essas narrativas populares guanambienses que, neste primeiro momento, apresentamos e analisamos “Santa Leocádia”.

Leocádia chegou ao município de Guanambi no final do século XIX, quando a cidade era conhecida como Arraial Beija-Flor. Na época, o local situado no sudoeste da Bahia, era passagem obrigatória para os tropeiros e mascates que iam em direção às várias cidades do estado como Caetité, Rio de Contas, Palmas de Monte Alto. Eles eram os grandes difusores de notícias, propagando informações por onde passavam. Em Beija-flor, os mascates e tropeiros sempre se encontram no grande umbuzeiro, que ficava perto do rio Belém para trocarem mercadorias e informações, e é neste local que hoje se localiza a feira da cidade. Embaixo da grande e

hospitaleira sombra do pé de umbu, esses homens negociavam as mercadorias e proseavam. As águas do pequeno rio Belém matavam a sede e o calor dos homens e animais, mas no temido período da seca, o arraial sofria com a sua escassez, restando apenas um filete de água. Foi então que em 1889, o Coronel José Pedro Dias Guimarães resolveu fazer uma represa rudimentar para armazenar a água do rio, e com os tropeiros e mascates a notícia se espalhou pela região. Muitas pessoas vieram para o arraial, a grande maioria era escravos libertados pela Lei Áurea, mas entre elas, uma jovem e branca moça se destacava, era Leocádia.

Ela veio para trabalhar na construção da represa, obra chamada pelos habitantes do local como ‘tapagem’. As tarefas desse trabalho braçal eram divididas pelo sexo, os homens ficaram responsáveis por cavar a terra com a pá e encher as gamelas – grande vasilha de barro cozido – que eram carregadas pelas mulheres em cima de suas cabeças em direção ao rio, onde a terra era despejada com o intuito de formar uma parede de contenção. Ali se trabalhava por comida, era na própria ‘tapagem’ que os trabalhadores se alimentavam e que também recebiam o seu pagamento, um pedaço de rapadura, doce feito do caldo da cana-de-açúcar.

A descrição da imagem de Leocádia não foi esquecida pelas narrativas populares. Elas afirmam que ela era uma bela jovem de pele clara, corpo esguio, olhos amendoados e cabelos castanhos longos e lisos. Uma singular beleza que para os devotos é fruto de uma divindade. São essas falas que afirmam que Leocádia era uma humilde moça cuja pobreza não permitia que ela ficasse bem vestida. De acordo com os relatos e com a literatura local de Guanambi, o Coronel José Pedro Dias Guimarães a presenteou com um vestido, fato que causou ciúmes em sua esposa, Dona Raquel. Enfurecida, ela ordenou dois capangas, Marcolino e Sebastião, a matá-la e trazer-lhe um dos seus seios, que foi cozido e servido como almoço para o marido. Leocádia morre aos 16 anos de idade, em 23 de fevereiro de 1890.

O corpo de Leocádia foi encontrado dentro do caldeirão⁴ do lajedo Caiçara. Ele foi sepultado ao lado do lajedo pelos habitantes do arraial. A forma como aconteceu o assassinato a colocou em uma situação primária de márti, mas atualmente ela é ocupa a posição de sujeito de santa. Muitos elementos contribuem para isso, como por exemplo, o destino trágico que tiveram os seus algozes.

⁴ Buraco natural ou artificial em superfície rochosa onde armazena água da chuva e água minada.

Sebastião, um dos capangas enlouqueceu, e ficou correndo sem rumo repetindo as últimas palavras proferidas por Leocádia, tendo sido posteriormente encontrado morto em um matagal no atual município de Malhada na Bahia. O outro capanga Marcolino, também foi encontrado sem vida no lugar conhecido como Toca do Índio, um abrigo natural formado por rochas repleto de figuras rupestres na atual Guanambi. A mandante do crime Dona Raquel, fugiu do arraial e foi para a cidade de Pitangueiras no estado de São Paulo, onde manifestou em seu corpo a lepra, que era considerada uma das mais terríveis doenças na época, causando-lhe uma morte lenta e dolorosa. Tais situações se relacionam a noção de castigo, como punição pelo que foi feito a Leocádia.

Diante de tudo isso, os habitantes do arraial começaram a visitar frequentemente o seu túmulo e a orar por aquela que eles acreditavam ser uma pessoa inocente de alma pura. As orações começaram a ter uma frequência cada vez maior e passaram a ter a companhia de outras manifestações religiosas como vigílias, ladainhas, romarias. O que inicialmente era feito com o intuito de almejar descanso e paz para a jovem, cedeu lugar aos pedidos pessoais de ajuda. O êxito desses pedidos, que, segundos relatos, eram sempre atendidos, bem como a propagação deles, por meio das narrativas populares presentes na vida cotidiana, também ajudaram a posicionar Leocádia a uma posição de sujeito de santa.

Nas manifestações religiosas:

Com o objetivo de entender o funcionamento da memória coletiva⁵ na religiosidade popular de Guanambi, buscamos na história do município, desde a sua formação no início do século XIX até a atualidade, elementos do funcionamento religioso. “A história aparece então não como uma grande continuidade sob uma descontinuidade aparente, mas como um emaranhado de descontinuidades sobrepostas.” (FOUCAULT, Michel, 2008: 293). Dessa forma, observando

⁵ O termo Memória Coletiva foi cunhado por Halbwachs. Para o autor, a memória coletiva é um amplo sistema formado de contextos sociais da memória, sendo ela originária da consciência proveniente do cotidiano de uma sociedade que reflete às suas próprias condições de ordem; de linguagem; suas instituições; suas relações internas e suas tradições. Por meio desses contextos sociais, Halbwachs se mostra um analista da vida social concreta e cotidiana. Em seu livro póstumo Memória Coletiva, o autor considera a memória coletiva tanto uma entidade em si mesma quanto um veículo de sentido de um ser social.

profundamente, quando, onde e por que, os acontecimentos surgem, se relacionam, distanciam, ou se repetem, encontramos respostas amparadas na visão do tempo como duração múltipla, onde é possível encontrar o aparecimento das discontinuidades na história e também o de transformações e formações, pensando nos fenômenos sociais. É considerando, portanto, essa discontinuidade aparente, em que o tempo é entendido como sendo heterogêneo e não como uma simples linearidade, que Foucault observa a genealogia dos fenômenos. Nesse sentido, a origem é entendida genealogicamente, onde o interesse se volta para as causas. Por isso a atenção às primeiras manifestações de fé coletiva em Guanambi, conhecida anteriormente como vila Beija-Flor, para que haja um melhor entendimento sobre “Santa Leocádia”.

De fato, as manifestações religiosas fazem parte do nascimento da cidade de Guanambi. No período que correspondia ao das novenas, no início do século XIX, pessoas da região iam à casa de Belarmina, devota de Santo Antônio e mãe de Flor. Sua casa possuía uma imagem do santo e era o local onde aconteciam os festejos religiosos e profanos. Nessas manifestações, não havia a presença do padre, elas eram conduzidas pelos próprios participantes e se mantinha uma relação de proximidade com o santo, já que não havia uma distinção do local ocupado pelo santo e pelos devotos, todos se encontravam sem distinção em um mesmo ambiente. Os devotos seguiam os códigos, rituais e leis do catolicismo à sua maneira. Com o aumento do número de pessoas nas visitas comemorativas ao santo Antônio, muitas delas passaram a construir suas casas nas proximidades, no terreno pertencente à fazenda Carnaíba, ao lado do rio Belém.

Essas manifestações religiosas constituíram em um importante instrumento de socialização naquela época, dando origem ao local e ao seu nome. Beija-flor é uma extensão de um ritual de culto ao santo Antônio. Primeiro havia o culto ao santo; depois, a festa. Mas antes de começar a festa com suas danças, músicas, bebidas e comidas, era necessário primeiro beijar o santo. O ato simboliza a passagem do culto religioso para a festa profana, mas, além disso, o beijo também enfatizava a relação de proximidade que se tinha com a santidade. A escolhida para beijar santo Antônio era Flor, filha da dona da casa e muito conhecida pela região por causa da sua beleza. Antes do ato, ecoavam palavras de ordem que diziam: “beija Flor, beija Flor, beija Flor...”. Foi assim que o local passou a ser conhecido como Beija-flor, nome realçado pelo grande número de colibris.

Após a morte de Joaquim Dias Guimarães, o terreno ocupado pelas novas casas de pau-a-pique foi doado à paróquia de Santo Antônio em 8 de maio de 1870, duas décadas antes do assassinato de Leocádia. Atualmente o local é uma cidade denominada Guanambi, que é um nome indígena que significa beija-flor.

De fato, podemos afirmar que o Arraial Beija-flor era formado por uma gente muito religiosa, e isso favoreceu o surgimento das práticas populares religiosas elaboradas em Leocádia logo após o seu assassinato. A regularidade dessas práticas, exercidas costumeiramente pela população, e a existência de uma relação de proximidade entre os moradores com os santos da Igreja Católica, são dados consideráveis no movimento de santificação popular de Leocádia.

O lugar do seu assassinato e do seu túmulo compreende a um ambiente repleto de significados fornecidos e reconhecidos pelos devotos, que o batizou como Leocádia. Nesse terreno, as manifestações religiosas potencializam significados. A romaria é o mais numeroso ato de devoção coletiva e acontece em todas as Sextas-Feiras Santas e dias de Finados. É quando os devotos vão até Leocádia fazer orações, pedidos, pagar promessa, penitências... As manifestações religiosas desses devotos foram por eles alicerçadas no catolicismo, religião oficial, legítima e detentora de um conjunto de práticas duradouras que prescrevem verdades. É utilizando exemplos católicos, tal devoção repousa sobre um já-dito. Não só a história de Leocádia como também as práticas religiosas estão contidas na memória coletiva constituídas pelos indivíduos enquanto participantes desse grupo social de devotos.

Na memória coletiva:

Os estudos que vêm sendo feitos nesta pesquisa que privilegia a religiosidade popular de Guanambi centrada na personagem de “Santa Leocádia”, demonstram que a memória coletiva funciona como uma mantenedora dessa endêmica fé. Cunhada por Halbwachs (2006), a memória coletiva é considerada tanto uma entidade em si mesma quanto um veículo de sentido de um ser social, não se encerrando, portanto, apenas nos mecanismos de lembrar e esquecer. Dessa forma ela está presente no cotidiano dos devotos de “Santa Leocádia”, e mais intensamente nos momentos de manifestações populares de fé. Para Halbwachs (2006), o sujeito é integrante da coletividade por meio de grupos sociais e sente a necessidade de buscar informações de outrem, estabelecendo aí uma memória coletiva. Não obstante, para ele, o sujeito atua no ambiente ao

formar uma opinião baseada em outros ambientes e em outros testemunhos de ambientes obtidos coletivamente. Nesse pensamento, os devotos de “Santa Leocádia” realizam suas variadas manifestações religiosas em meio a um contexto de solidariedades múltiplas. A memória coletiva se manifesta constantemente no cotidiano e baseado nos pilares católicos, as manifestações religiosas em tributo a essa santa popular se fundamentam e se constituem.

Nos estudos do referido autor, fica evidente a importância que a sociedade tem na constituição do ser, uma vez que ele fala da coexistência em nós de um ser sensível, que reflete parte do ambiente, e de um ser formado pela sociedade que não se encerra na reflexão do ambiente, mas que interfere nele ao formar uma opinião baseada em outros ambientes e em outros testemunhos de ambientes, condicionado por memórias. Neste caso, fica transparente o caráter social do ser, o responsável por opinar e refletir e não apenas ser reflexo. É nesse ser, em que coexistem o ser sensível e o ser social, que a memória coletiva se manifesta. Com atenção à memória individual, constata-se que o indivíduo pensa coletivamente. Ele reflete a partir do momento em que se sente parte de um grupo. Dessa forma, a consciência nunca se encontra encerrada em si mesma, ela não é vazia nem solitária. A memória individual não é e nem está isolada, ela não funcionaria se o indivíduo não usasse instrumentos como idéias, palavras, ambientes... que não os pertencem, mas que os tomam emprestados da sociedade. Por isso, ele afirma que estamos sós apenas em aparência, que somos um ser social. É partindo desse pressuposto que Halbwachs (2006) sublinha a necessidade que temos de confrontar, complementar, afirmar as nossas lembranças com as dos outros. E as relações sociais suprem essa necessidade, pois nos aproveitamos da memória dos outros fazendo com que as lembranças venham a ser (re)construídas sob uma base comum. Dessa forma, fica evidente a importância de elementos externos para o funcionamento do mecanismo da lembrança. E é somente por meio da interação com outrem que uma lembrança pode ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. O indivíduo reflete a partir do momento em que se sente parte de um grupo. Seguindo esse pensamento, quanto mais participante da coletividade o indivíduo for, mais individual ele será, essa aparente contradição se justifica devido ao fato de possuir um maior conjunto de informações permitindo uma reflexão mais apurada. A memória individual, portanto, vagueia em meio aos quadros sociais da memória coletiva. É por isso que, para termos acesso a memória coletiva religiosa sobre “Santa Leocádia” não é preciso abraçar todo o grupo, mas sim alguns dos

elementos significantes constituintes desse grupo que são, por exemplo, as manifestações coletivas de fé como representantes do funcionamento dessa memória, as falas dos indivíduos e a literatura local, pois as lembranças individuais, fixadas ou não em papel, permanecem coletivas.

Há escritos de diversas materialidades, como romance, cordel, livro histórico e de poemas. A presença de Leocádia na literatura da cidade de Guanambi atesta a importância que ela tem, e que não se restringe apenas ao campo religioso local. Ela é consagrada como uma importante personagem da cidade, e isso já é suficiente para que ela seja estudada. Nesses diferentes tipos de materialidades, a tradição é privilegiada, entendida muitas vezes como verdade e como ferramenta para atribuir credibilidade. Há também escritos em que podemos observar a existência de um enunciador coletivo, ou seja, aquele que representa a voz de uma comunidade específica e compartilha da mesma perspectiva do conjunto de pessoas a qual ele se insere.

No enunciador coletivo:

Segundo Orlandi, Guimarães e Tarallo (1989) há quatro representações de enunciadores: o enunciador individual, que pode ou não coincidir com o locutor, mas que é a-histórico, porque está centrado no indivíduo; o enunciador genérico, que é a representação da voz do senso comum, de certa forma homogeneizada, e que traz para o texto crenças construídas historicamente; enunciador universal, em que a voz se apresenta como se os fatos falassem por si, impondo, então, um regime de verdade de onde se pode falar da verdade ou falsidade dos enunciados; e o enunciador coletivo, que representa a voz de uma comunidade específica. Neste, a comunidade é representada por meio de uma voz, como se estivessem todas as outras vozes nesta única. O locutor, como pessoa no mundo, se insere em uma comunidade especificada, a partir da qual diz o coletivo específico. Segundo Santos (2007), a voz coletiva se apóia na ideologia do já dito, materializando-se através de formulações textuais no nível lingüístico e enunciativo.

Diante da diversidade de materialidade de escritos sobre Leocádia, selecionamos neste momento alguns versos da literatura de cordel “Vida e Morte de Leocádia” (TEIXEIRA, 1980) para mostrar o funcionamento do enunciador coletivo, que utiliza da voz dos devotos de “Santa Leocádia” para difundir, por meio de uma materialidade diferente, aquilo que se encontra na oralidade desses fiéis. Isso é perceptível no verso: “Passo a contar nesse instante; uma história de

traição; um crime bárbaro e hediondo; que de sangue manchou o chão; com mais de cem anos passados; esse fato ficou gravado; na memória do nosso sertão” (TEIXEIRA, 1980: 04). Notamos que neste trecho, o enunciador transmite uma passagem historicamente consolidada e alimentada pela memória dos sertanejos de Guanambi-BA. O uso do pronome ‘nosso’ remete aos sentidos de afetividade/proximidade e de pertencimento do local ‘sertão’, que é vasto e abrange o ambiente onde Leocádia foi assassinada e posteriormente cultuada.

Apresentamos também o verso: “A nossa jovem Leocádia; constantemente era assediada; por ser muito formosa e bela; por todos era cortejada; desde o dia em que chegou; a pequena vila de Beija-Flor; já ficou alvoroçada” (TEIXEIRA, 1980: 07). Quando o enunciador diz ‘nossa jovem Leocádia’, o pronome nossa traz a idéia de proximidade, e nesse caso é possível afirmar que ele se inclui na comunidade, pois essa relação de proximidade com Leocádia é muito comum entre os seus devotos. Desde os primórdios, época em que Guanambi era conhecida como Beija-Flor, a população mantinha uma relação de proximidade com os santos católicos, especialmente, santo Antônio, atual padroeiro da cidade.

Em: “No lugar que Leocádia morreu; tudo foi se transformando; tudo parece ficar mais bonito; enquanto os anos vão passando; e na forma de um caixão; aquele pequeno caldeirão; com os anos foi ficando” (TEIXEIRA, 1980: 18), destacamos o trecho ‘tudo foi se transformando; tudo parece ficar mais bonito’, pois nele, verificamos que a figura enunciativa se transporta para o local em que Leocádia foi assassinada. Durante os anos, esse local que foi palco de barbáries, foi ganhando sentidos e se consolidando como território sagrado, onde são feitas as mais numerosas manifestações coletivas de fé.

No verso: “Leocádia Mito ou Santa?; confio na sabedoria popular; que afirma ter recebido graça; e vai sempre acreditar; que de todos mistérios desta terra; há um, no qual tudo se encerra; Deus está onde a gente imaginar”. (TEIXEIRA, 1980: 19). Ao afirmar que confia na sabedoria popular, o enunciador compartilha dos mesmos significados que Leocádia adquiriu perante os seus devotos, do seu posto de santa não reconhecida pela Igreja Católica. O fato de ele compartilhar dessa mesma ideologia funciona como mecanismo de inclusão e na função de portador da voz coletiva, entende-se que a santificação popular de Leocádia também se constitui e consolida por meio da existência de uma voz que ecoa em conjunto.

Referências bibliográficas:

FOUCAULT, Michel. Retornar à história. In: MOTTA, M. de B. (org.). Ditos e Escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

ORLANDI, Eni; GUIMARÃES, Eduardo e TARALLO, Fernando. Vozes e Contrates: o discurso na cidade e no campo. São Paulo: Cortez, 1989.

SANTOS, Mônica de Oliveira. Um Comprimido que Anda de Boca em Boca: os sujeitos e os sentidos no espaço da enunciação proverbial. Campinas: Pontes Editores, 2007.

TEIXEIRA, José Roberto. Vida e morte de Leocádia. Guanambi, 1980.